**MEMÓRIA-RETALHO: PARTES FEITAS DE MIM, DE NÓS COMO INTERVENÇÃO METODOLÓGICA NO ESPAÇO ACADÊMICO**

Hugo de Melo UERJ/PPGEDU

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo problematizar e trazer a vida como uma intervenção metodológica no espaço científico. Neste texto faz se o uso da Memória-Retalho como metodologia no fazer ciência. A expectativa na Memória-Retalho faz-se necessária porque ela está entrelaçada com os pequenos gestos dos quais nós, enquanto sujeitos e professores, somos partes e propomos emendar com os conhecimentos dos alunos, numa possibilidade de troca, dando forma a uma colcha no tempo presente, no agora. Neste fazer metodológico, como referenciais teóricos refletiremos com os escritos de Anelice Ribetto, Suely Rolnik, Carlos Skliar, Carlos Libâneo com os quais associo os tecimentos desta pesquisa às obras do artista plástico Arthur Bispo do Rosário.

Palavras Chaves: Metodologia, Memória-Retalho, Docente, Intervenção

 Resumo Expandido

 As memórias-retalhos possibilitam a junção de remendos da vida de modos linear ou aleatório que surgem emendando conceitos, percepções e experiências que emergem e dão movimento ao que trazemos conosco, ou seja, de uma vida para a sala de aula. O presente trabalho tem por objetivo problematizar e trazer a vida como uma intervenção metodológica no espaço científico. A expectativa na Memória-Retalho faz-se necessária porque ela está entrelaçada com os pequenos gestos dos quais nós, enquanto sujeitos e professores, somos partes e propomos emendar com os conhecimentos dos alunos, numa possibilidade de troca, dando forma a uma colcha no tempo presente, no agora. Nossos retalhos e remendos são constituídos por parte de um currículo oculto, aquele que ainda não propositalmente fora planejado, mas veio a produzir-se em determinado contexto reaproveitando a bagagem cultural que os alunos trazem consigo, a vida em pedaços, como nos aponta Libâneo (2001, p.99-100): “O currículo oculto representa tudo o que os alunos aprendem pela convivência espontânea em meio as várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções, que vigoram no meio social e escolar. ” Neste fazer metodológico, como referenciais teóricos refletiremos com os escritos de Anelice Ribetto, Suely Rolnik, Carlos Skliar, Carlos Libâneo com os quais associo os tecimentos desta pesquisa às obras do artista plástico Arthur Bispo do Rosário, não só na estrutura estética de suas artes feita por retalhos, mas na percepção de um processo subjetivo causado pelas emendas de mim, de nós, memórias que se unem, que são resgatadas e formam um *ethos* na produção do sujeito, ou na constituição de um novo movimento de vida.

Entre os muitos materiais que utilizava, a madeira era recorrente em grande parte de suas obras. Além deste, recorria também ao papelão. Depois de escolher sua matéria-prima, Arthur Bispo do Rosário a cobria com linhas azuis desfiadas da sua farda, ou ainda dos lençóis da Colônia Juliano Moreira. Por conta disso, algumas de suas obras tinham como cores temáticas o azul e o branco. Mais tarde, seus amigos passariam a comprar diferentes cores e tipos de linhas para suas obras. (LIMA; JOHANN, p.102, 2015)

Associo o manto, citado pelo Bispo do Rosário, à identidade dos professores que buscam diariamente brechas no cotidiano educacional, a identidade da loucura, o tirar as linhas da própria farda no tempo em que se desapega de si e se volta ao outro. O manto do docente que a gente não se alia, é um trabalho manual, tecido pelo avesso desfigurado, o manto de uma identidade pedagógica, ou pelo menos devia assim ser, oferecendo um trabalho de criação, de artesanato. Alguns estudos partem da proposta de entender o fazer científico a partir e com as transformações causadas pelas marcas, ou melhor, texturas Ontológicas, como nos aponta Suely Rolnik:

[...] no invisível, o que há é uma textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições. Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente es-tranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo -em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros. Ora, o que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir (ROLNIK, 1993, p. 242)

Afinal, o que fazemos com as marcas causadas em nós? Jogamos fora ou reaproveitamos? Neste percurso, reaproveitar a arte da vida para resgatamos essas marcas, para tecer e nos descolarmos na academia, no fazer cientifico, pois:

Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (aliás muitas de nossas escolhas são determinadas por esta atração). Quando isto acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença. E mais uma vez somos tomados por uma espécie de "desassossego", como diz muito apropriadamente Fernando Pessoa em seu livro que traz esse nome no título ao referir-se à sensação que este estado nos produz. E mais uma vez nos vemos convocados a criar um corpo para a existencialização desta diferença. (ROLNIK, 1993, p. 243)

 Sendo assim, acreditamos numa proposta ética, estética e política. “Ética porque se abre para a possibilidade de fazer escolhas,” (RIBETTO; DIAS, 2020. P.211)*,* fazendo emergir o desejo de seguir diferente, (des)formando daquilo que já está posto numa formação preestabelecida que possibilite uma escrita acadêmica outra.

Estética como um dos caminhos possíveis, entre outros, pelos quais adultos, jovens e crianças realizam estilos de vida não conformados e não consensuais, como ensinou Michel Foucault (2010), afirmando a possibilidade de criar uma vida bela e livre. (RIBETTO; DIAS, 2020, p. 211)

Essa perspectiva vai ao encontro de um tipo de vida, no qual busca caminhos (in)conformados, que possibilita a criação de um *ethos* para a metodologia, uma metodologia pelas práticas da vida. “Política pela atitude de forjar novos encontros, sempre outros que se movem para se diferir daquilo que somos”. (RIBETTO; DIAS, 2020. p. 211), e que muito forja descaminhos para repensar na postura docente com e na relação da prática universitária. Esse *modus operandi* nos aproxima do outro através do contexto que os discentes carregam consigo. E, ao remover a maquiagem nesta mudança, nos inserimos num espaço desconhecido, e isso certamente nos deixaria desconfortáveis, pois nos acostumamos com o que está pronto. Porém, essa mudança nos convida a olhar ao redor do outro priorizando seus percursos de vida. O outro está ligado a nós mesmos e, a maneira em que nos colocamos à disposição para refletir com, estamos ligados a nos descobrir, e isso enseja uma inclusão do outro como nos aponta Carlos Skliar:

Há, então, um outro que nos é próximo, que parece ser compreensível para nós, previsível, maleável etc. E há um outro que nos é distante, que parece ser incompreensível, imprevisível, maleável. Assim entendido, o outro pode ser pensado sempre como exterioridade, como alguma coisa que eu não sou, que nós não somos. Mas há também a mesma dualidade acima apontada (outro próximo - outro radical) em termos de interioridade, quer dizer, que esses outros também podem ser eu, sermos nós. (SKLIAR,2003 p. 39).

 Agora é o outro. São os pedaços e os restos do outro, juntos com nossos restos, que reafirmam uma metodologia que infere e dá consistência à produção de conhecimento. A teoria que se aplica é oriunda de uma prática. Esse meio permite uma curva, uma brecha, uma fuga para sair dos moldes impregnados ao que entendemos por ciência promovendo a inclusão no espaço acadêmico e estabelece um modo outro de produção.

Referências

LIBÂNEO, A. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática** – Goiânia: Ed. Alternativa, 2001.

LIMA, A; JOHANN, R. Arthur Bispo do Rosário: a arte enquanto linguagem da esquizofrenia. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 7, nº. 2, jul. /dez. 2015, p. 99-107.RIBETTO, A; DIAS, R. O. Micropolítica e uma aposta ética, estética e política de formar professores pela invenção, **Revista educação e cultura contemporânea,** v. 17, nº 47, 2020.

ROLNIK, S. Pensamento corpo e devir – uma perspectiva ética/ estético/ política no trabalho acadêmico**.** In **Cadernos de subjetividade**. nº 2 São Paulo: PUC 1993.

SKLIAR, C. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". **Ponto de Vista** , Florianópolis, nº.05, p. 37-49, 2003.